



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Análise dos comportamentos parentais de desafio de mães e pais, em famílias nucleares, de crianças em idade pré-escolar.

Teresa Caleira Pereira

Mestrado em Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientadora:

Professora Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024



CIÊNCIAS SOCIAIS
E HUMANAS

Departamento em Psicologia Social e das Organizações

Análise dos comportamentos parentais de desafio de mães e pais, em famílias nucleares, de crianças em idade pré-escolar.

Teresa Caleira Pereira

Mestrado em Psicologia Comunitária, Proteção de Crianças e Jovens em Risco

Orientadora:
Professora Doutora Lígia Maria Santos Monteiro, Professora Auxiliar,
Iscte - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2024

Agradecimento

Com o fim desta etapa, sinto a necessidade de agradecer a todos os que tornaram tudo isto possível, tanto direta como indiretamente.

Primeiro, agradecer à minha orientadora, Professora Lígia Monteiro, por me ter apoiado ao longo deste percurso e me ter dado sempre as melhores opções tendo em conta os meus interesses e necessidades.

Aos meus pais por me terem encorajado a continuar e a terminar esta fase, mesmo quando achei que poderia não ser capaz.

Um agradecimento especial às minha Bidas - Carolina, Iara, Inês, Mariana e Tatiana - que estiveram sempre lá para mim ao longo destes anos e que aturaram todos os meus momentos de euforia e desespero. Não foi fácil, longe disso, mas independentemente dos obstáculos que aparecessem, sabia que tinha 5 amigas excecionais dispostas a aturar os meus devaneios e frustrações, assim como a acompanhar-me nos momentos mais divertidos e marcantes que experienciei até hoje.

A Psicologia, por me ter feito sentir bem-vinda e integrada numa faculdade nova onde não conhecia ninguém. Obrigada por me terem enviado um email para estar no Iscte às 8h da manhã numa segunda-feira.

Obrigada à matrícula de 2019/2020 (a melhor), que esteve comigo desde o primeiro ao último dia e que espero que me continuem a aturar durante muitos anos.

Por fim, mas, sem dúvida, não menos importante, obrigada ao Iscte. A todos os que partilharam comigo longas tardes no Campo Grande que, apesar de terem sido passadas a preto e branco, tornaram o meu percurso mais colorido.

Resumo

Os comportamentos parentais de desafio consistem na forma como os pais incentivam a criança a explorar o meio, encorajando-a a sair da sua zona de conforto, considerando sempre as suas competências e limites. Estes comportamentos podem ser verbais e socioemocionais, assim como brincadeiras físicas. O presente estudo teve como objetivo analisar as diferenças e semelhanças entre as perceções dos comportamentos parentais de desafio de mães e pais, em 35 famílias nucleares portuguesas, com crianças em idade pré-escolar. Adicionalmente, foram analisadas as associações entre estes comportamentos parentais e as suas habilitações literárias, bem como com as características das crianças (idade, sexo e o ser filho primogénito). Os pais preencheram de modo independente o *Challenging Parenting Behavior Questionnaire*. Os resultados indicam, que nesta amostra, apenas existe uma diferença significativa entre os comportamentos de mães e pais na dimensão *Teasing*, com os pais a apresentarem valores mais elevados. Verificou-se, ainda, que as mães têm mais brincadeiras físicas com as raparigas e os pais incentivam mais a competição nos rapazes, e que pai tende a reportar menos comportamentos de *Teasing* e *Rough and Tumble* em crianças mais velhas. Mães e pais com habilitações literárias mais elevadas apresentam menos comportamentos de *Teasing*.

Palavras-chave: Parentalidade; comportamentos parentais de desafio; mães e pais; pré-escolar, CPBQ (4-6)

Códigos de Classificação da APA:

2800 Psicologia do Desenvolvimento

2950 Casamento e Família

2956 Educação Infantil e Cuidados Infantis

Abstract

Challenging parenting behavior consists in the way parents encourage children to explore their environment, motivating them to step out of their comfort zone, while always considering their abilities and limits. These behaviors can be verbal, socioemotional, as well as physical play. The present study aimed to analyze the differences and similarities in perceptions of challenging parenting behavior between mothers and fathers in 35 Portuguese nuclear families with preschool-aged children. Additionally, associations between these parenting behaviors and parental educational levels, as well as child characteristics (age, gender, and being the firstborn), were examined. Parents independently completed the Challenging Parenting Behavior Questionnaire. The results indicate that, within this sample, there is only a significant difference in the Teasing dimension, with fathers displaying higher levels. It was also observed that mothers engage in more physical play with daughters, while fathers encourage competition more often with sons. Furthermore, fathers tend to report fewer Teasing and Rough and Tumble behaviors with older children. Both mothers and fathers with higher educational levels demonstrate fewer Teasing behaviors.

Keywords: Parenting; challenging parenting behavior; mothers and fathers; preschool age; CPBQ (4-6)

APA Classification Codes:

2800 Developmental Psychology

2950 Marriage & Family

2956 Childrearing & Child Care

Índice

Agradecimento	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Capítulo 1. Introdução	1
Capítulo 2. Revisão de Literatura	3
2.1. Parentalidade	3
2.1.1. Semelhanças e Diferenças entre Mães e Pais	3
2.2. Comportamentos Parentais de Desafio	5
2.2.1. Comportamentos Parentais de Desafio e Habilidades Literárias dos Pais	6
2.3. Características das Crianças	7
2.4. Objetivos do estudo	8
Capítulo 3. Método	9
3.1. Participantes	9
3.2. Instrumento	9
3.2.1. Questionário Sociodemográfico	9
3.2.2. Questionário de Comportamentos de Desafio	9
3.3. Procedimento	10
3.4. Estratégia Analítica	11
Capítulo 4. Resultados	13
Capítulo 5. Discussão	17
5.1. Limitações e estudos futuros	18
Referências Bibliográficas	21

Introdução

Com o interesse crescente demonstrado por parte dos investigadores, e sociedade no geral, na figura paterna, nomeadamente, no seu papel na família e no desenvolvimento da criança, alguns estudos têm procurado compreender não só as diferenças e especificidades de cada figura parental, e o que trazem para o desenvolvimento da criança, mas, também, as semelhanças entre ambas (Cabrera et al., 2014; Steenhoff et al., 2019). Estudos mais recentes indicam que os pais são tão capazes, quanto as mães, de serem sensíveis (Steenhoff et al., 2019), afetuosos e responsivos às necessidades das crianças, encorajando-as a explorar o seu meio ambiente (e.g., Cabrera et al., 2014; Cabrera et al., 2018). Sugere-se que, as semelhanças entre os papéis de mães e pais se possam basear nas experiências vividas por cada um, podendo influenciar-se mutuamente ao longo do tempo (e.g., Cabrera et al., 2014). Outros autores (e.g., Bögels & Phares, 2008; Paquette, 2004) têm-se focado nas diferenças e especificidades de cada figura parental, associando as brincadeiras físicas e comportamentos de desafio aos pais, e a prestação de cuidados às mães.

Mais recentemente, diversos autores têm procurado explorar se, e como os comportamentos parentais de desafio podem funcionar como promotores de um ajustamento saudável, estando associados, por exemplo, a níveis mais reduzidos de ansiedade social (Majdandžić et al., 2015). Estes comportamentos parentais de desafio caracterizam-se pela forma como os pais desafiam as crianças a explorar e a agir em situações fora da sua zona de conforto, incluindo brincadeiras físicas, socioemocionais e verbais (e.g., brincadeiras físicas, cócegas e incentivo verbal à tomada de risco), ajudando as crianças a ser mais assertivas e confiantes nas interações com os seus pares (Majdandžić et al., 2018).

A maioria dos estudos que analisa a parentalidade foca-se, na realidade, na figura materna, pelo que se torna relevante incluir o pai neste domínio, considerando que os comportamentos parentais de ambos podem apresentar aspetos distintos, mas também semelhanças. Assim, o presente estudo visa contribuir para a compreensão dos comportamentos parentais de desafio reportados por mães e pais (casal) de crianças em idades pré-escolares, numa amostra portuguesa. Explora-se as suas semelhanças e diferenças, procurando compreender se, na amostra em análise, estes são mais característicos dos pais. Serão, ainda, analisadas as associações entre estes comportamentos parentais e as habilitações literárias dos cuidadores, e as características das crianças (idade, sexo, e o ser primogénito).

CAPÍTULO 2

Revisão da Literatura

2.1. A Parentalidade

De acordo com Belsky (1984) a parentalidade é diretamente influenciada por determinantes individuais das figuras parentais (e.g., personalidade), determinantes individuais das crianças (e.g., sexo e idade ou temperamento das crianças), e por determinantes sociais que afetam a relação pais-filhos/as (e.g., a relação conjugal, o trabalho dos pais ou a rede social em que estão inseridos). Para além disso, o modelo assume que o historial de desenvolvimento e os fatores sociais supramencionados impactam a personalidade e o bem-estar dos cuidadores, influenciando as suas funções parentais e, conseqüentemente, o desenvolvimento das crianças.

Mais recentemente, Cabrera e colaboradores (2014) desenvolveram um modelo que procura compreender a paternidade e as relações pai/criança inseridas em diferentes níveis de sistemas dinâmicos, que envolvem processos recíprocos, e evoluem ao longo do tempo, dadas as mudanças que vão ocorrendo nas dinâmicas familiares, bem como a alterações nas competências, por exemplo, cognitivas das crianças. As mudanças contextuais que podem ter impacto na relação pai-filho são, também, consideradas, nomeadamente, o trabalho do pai, as políticas públicas, ou a cultura. Os recursos económicos são uma variável importante neste modelo, dado poderem influenciar o bem-estar e a capacidade do pai se relacionar com a criança, assim como os níveis de stress vivenciados pela família.

2.1.1. Semelhanças e Diferenças entre Mães e Pais

Até há poucas décadas os estudos sobre a parentalidade focavam-se, maioritariamente, nas mães, não existindo tanto interesse na análise do papel do pai (Steenhoff et al., 2019). Contudo, mudanças nos papéis de género e de aspetos demográficos e económicos, conduziram a alterações na estrutura familiar e no desempenho das funções parentais. Segundo Hofferth e colaboradores (2012), com estas mudanças, os cuidadores começaram a dividir as tarefas relacionadas com a prestação de cuidados, providenciando apoio emocional e disciplina às crianças. Em Portugal, a partir de 2009, a licença associada ao nascimento de uma criança, anteriormente designada por “licença por maternidade” passou a chamar-se “licença parental inicial”, incentivando a participação do pai na prestação de cuidados aos filhos (Marinho et al.,

2024). Desta forma, a lei equiparou ambas as figuras parentais nos cuidados à criança, permitindo a partilha de responsabilidades familiares e profissionais entre ambos. Assim, este aumento no envolvimento dos pais na vida das crianças tornou mais importante o estudo das diferenças e semelhanças da parentalidade entre ambas as figuras cuidadoras (e.g., Lamb & Lewis, 2010; Steenhoff et al., 2019).

De acordo com Cabrera e colaboradores (2014), os papéis da mãe e do pai são complementares, sendo que ambos contribuem para o desenvolvimento da criança e são capazes de mostrar afeto, sensibilidade e disciplina. Os pais tendem a envolver os bebés em interações não mediadas por objetos, que são simultaneamente físicas e estimulantes, incentivando a exploração do meio físico, enquanto as mães tendem a ser mais didáticas e verbais, envolvendo-se, principalmente, em brincadeiras centradas em objetos visuais de modo a atrair e manter a atenção dos bebés (Clarke-Stewart, 1978, como citado em Paquette, 2004).

Paquette (2004) reporta que crianças com pais envolvidos e com funções distintas, como cuidador versus companheiro de brincadeiras, são mais interativas, envolvidas e sociáveis, estando mais preparadas para a competição e a cooperação, do que as crianças com pais envolvidos, mas indiferenciados nos seus comportamentos. Assim, o envolvimento do pai na vida da criança resulta em menos conflitos com os pares, interações menos agressivas e apresentam mais capacidade de resolução de problemas, sem recurso à agressão física (Ricaud, 1998, como citado em Paquette, 2004). Adicionalmente, Paquette (2004) acrescentou que a idade pré-escolar é marcada pela vontade da criança em ser mais autónoma, sendo que neste período, os pais adotam comportamentos que encorajem esta mesma autonomia, providenciando a educação e supervisão necessária para assegurar a segurança da criança.

Relativamente à sensibilidade parental, e numa meta-análise bastante recente, Deneault e colaboradores (2022a) apresentaram uma perspetiva menos linear, analisando múltiplos estudos onde os resultados são distintos face à capacidade de os pais serem igualmente sensíveis, face às mães. Desta forma, alguns estudos analisados pelos autores indicaram que as mães eram mais sensíveis do que os pais (e.g., Atzaba-Poria et al., 2010; Biringen & Easterbrooks, 2012; van Berkel et al., 2015; Volling et al., 2019). Por outro lado, outros estudos não encontraram diferenças significativas na sensibilidade das figuras parentais (e.g., Grossmann et al., 2002; Tamis-LeMonda et al., 2004; Cabrera et al., 2007), sendo que tanto as mães, como os pais percebiam e respondiam adequadamente aos sinais da criança. Os resultados desta meta-análise revelaram a existência de diferenças significativas, mas com um *effect size* pequeno, entre a sensibilidade materna e paterna, com as mães a apresentarem valores mais elevados, do que os pais. No entanto, verificaram que esta diferença era menor em função do ano de publicação (nas

mais recentes), e que nas amostras europeias as diferenças não eram significativas. Uma possível explicação poderá estar relacionada com o facto de na Europa os cuidadores terem direito a uma licença parental de, pelo menos, quatro meses, o que não acontece nos Estados Unidos. Desta forma, os pais que passam mais tempo com os seus filhos, principalmente quando a figura materna não está presente, aprendem a compreender melhor os sinais da criança através das interações que têm com a mesma, o que se poderá traduzir em níveis mais elevados de sensibilidade (Cooke et al., 2022).

Tendo em conta que o papel do pai tem sido mais associado às brincadeiras físicas (Bögels & Phares, 2008; Paquette, 2004), Grossmann e colaboradores (2008) sugeriram que, as brincadeiras interativas, sensíveis e desafiadoras entre a díade pai-criança deveriam ser utilizadas no estudo da sensibilidade, dado este ser um contexto mais familiar para o pai. Deste modo, Grossmann e Grossmann (2019) referiram que os pais preferem apoiar os seus filhos através da exploração e da brincadeira, auxiliando as crianças quando percebem que já atingiram os limites das suas competências, atuando, assim, como uma base segura.

2.2. Comportamentos Parentais de Desafio

Majdandzic e colaboradores (2015) têm trabalhado sobre o conceito de comportamentos parentais de desafio que vai para além da brincadeira física com a criança, incluindo aspetos verbais e socioemocionais. Estes consistem na forma como os pais desafiam a criança a explorar o meio de forma lúdica, onde a figura parental encoraja que esta saia da sua zona de conforto, tendo em conta as suas competências e limites. Segundo os mesmos autores, o papel do pai tende a ser caracterizado por comportamentos que promovem assertividade e que permitem ultrapassar limites. Bögels e Phares (2008) consideram que os papéis do pai (e.g., brincadeiras físicas na infância), ao longo do desenvolvimento da criança, são importantes para prevenir dificuldades internalizantes, como a ansiedade, servindo como fator protetor em crianças propensas a tal.

Majdandzic e colaboradores (2014), salientam a sua relevância deste tipo de comportamentos na diminuição da ansiedade social do indivíduo. Os autores verificaram que, apesar de não existirem diferenças entre os comportamentos de ambas as figuras parentais com o primeiro filho, os pais desafiavam mais os segundos filhos, do que as mães, que se mostraram excessivamente envolvidas. Os resultados revelaram que os comportamentos parentais de desafio paternos diminuíram a ansiedade e inibição social em crianças de 4 anos, comparativamente com os comportamentos maternos, que aumentavam a inibição social das

crianças. Em amostras holandesas e australianas, Majdandzic e colaboradores (2018) verificaram que as mães europeias apresentaram níveis mais elevados de comportamentos parentais de desafio, do que as mães australianas, no entanto, não encontraram diferenças para os pais. Relativamente à amostra australiana, os pais demonstraram ter mais comportamentos de desafio do que as mães, sendo que o mesmo não aconteceu na amostra europeia, onde não existiram diferenças entre as figuras parentais.

O conceito de *rough and tumble play* está inserido nos comportamentos parentais de desafio e inclui duas dimensões principais de comportamento parental: afetividade e controlo (Paquette, 2004). De acordo com Pellegrini (2002), este conceito é comumente confundido com agressão, contudo, existem diferenças claras entre ambos. Os primeiros, geralmente, composto por corridas ou brincadeiras que envolvam lutas amigáveis e não agressivas, gerando sorrisos e gargalhadas. Já a agressão é composta por empurrões e pontapés que provocam choro e desconforto, e onde há intencionalidade de causar dano ao outro. Adicionalmente, nestas brincadeiras mais física e “de luta” os parceiros alternam os papéis (e.g., a figura parental pode fingir que cai quando está a tentar fugir da criança, permitindo que esta a apanhe). Assim, quando aplicado num contexto social e de relação com os pares, crianças com diferentes níveis de destreza física conseguem brincar juntas, resultado de competências de regulação emocional e comportamental desenvolvidas em contextos de suporte e apoio (Pellegrini, 2002; Paquette, 2004). Paquette e colaboradores (2000) verificaram que as brincadeiras mais físicas ocorrem menos frequentemente com pais autoritários, que tendem a ser menos afetivos e usam o controlo restritivo de forma mais frequente, incluindo punições físicas, para obterem obediência por parte dos filhos.

2.2.1. Comportamentos Parentais de Desafio e Habilitações Literárias dos Pais

Diversos estudos sobre os comportamentos parentais de desafio (e.g., Majdandzic et al., 2014, 2015, 2018) abordam a variável das habilitações literárias dos pais na descrição dos participantes, no entanto não a relacionam com os comportamentos parentais de desafio.

No entanto, Cabrera e colaboradores (2011b) verificaram que pais com níveis mais elevados de educação têm mais interações verbais com os filhos, comparados com pais com menos habilitações literárias, acontecendo o oposto relativamente às brincadeiras mais físicas. Um estudo de Deneault e colaboradores (2022b) com uma amostra de pais com habilitações literárias diversas (i.e., não ter o ensino secundário completo a ter frequentado o ensino superior) não encontraram uma associação significativa entre o nível de escolaridade dos pais

e os comportamentos parentais de desafio. Tal pode ser explicado pelo facto do tipo de comportamentos (i.e., encorajar as crianças a andar ou levantar-se), ser expectável em todos os pais, e pouco influenciável pelas suas habilitações literárias. Já uma meta-análise de Deneault e colaboradores (2022a) referiu que as habilitações literárias das figuras parentais são um forte preditor da sensibilidade parental, contudo, não utilizaram esta variável na sua investigação.

2.3. Características das Crianças

Tal como descrito anteriormente, a parentalidade é influenciada por diversas variáveis, incluindo as características das crianças, como sexo e a idade (e.g., Belsky, 1984; Cabrera et al., 2014).

Os comportamentos parentais de desafio diferenciam-se com a idade da criança, sendo que as brincadeiras provocatórias (i.e., *teasing*) e a brincadeira *rough and tumble* ocorrem de modo semelhante por volta dos 4 meses de idade, acabando por se dissociar após esse período. Adicionalmente, o *encouragement of risk taking* e a *competition* começam a predominar em crianças entre 1 e 3 anos de idade (Majdandzic et al., 2015). Neste sentido, também, existem evidências de que as brincadeiras físicas entre os pais e as crianças atingem o seu pico na idade pré-escolar, mais especificamente dos 4 aos 5 anos, diminuindo durante a idade escolar (Leavell et al., 2012; Pellegrini & Smith, 1998). Relativamente às diferenças dos comportamentos parentais de desafio entre mães e pais e a idade das crianças, os pais demonstraram aumentar estes comportamentos a partir dos 1/2 anos de idade e de *competition* aos 2 anos e meio. Já as mães atingiram níveis mais elevados de *modeling* nas crianças com 1 ano de idade. Assim, os resultados do estudo de Majdandzic e colaboradores (2015) indicam que as diferenças nestes comportamentos de desafio, entre as figuras parentais, começam a surgir por volta de 1 ano de idade, sobretudo nas brincadeiras físicas, sendo mais observáveis no período seguinte com duração até aos 3 anos.

Relativamente ao sexo da criança, Majdandzic e colaboradores (2015) não encontraram diferenças significativas nos comportamentos parentais de desafio de mães e pais. Uma revisão sistemática de Morawska (2020) analisou o impacto da parentalidade na socialização das crianças, tendo encontrado algumas diferenças nas estratégias de socialização utilizadas pelos pais e na forma como vocalizam e brincam, dando brinquedos diferentes às crianças, consoante o sexo dos mesmos. Neste sentido, os pais tendem a oferecer bonecas às raparigas e a discutir tópicos relacionados com a socialização, enquanto as brincadeiras com os rapazes tendem a ser mais físicas e as figuras parentais abordam mais temas relacionados com a aprendizagem.

Num estudo de Endendijk e colaboradores (2017), os pais utilizavam mais controlo físico com os rapazes, do que com as raparigas. Tal pode ser explicado pelos níveis mais elevados de agressividade física observados nos rapazes, relativamente às raparigas, entre os 3 e os 4 anos. Por outro lado, Lindahl e Heimann (2002) verificaram que crianças do sexo feminino, de 14 meses de idade, apresentavam maior proximidade social com as mães, numa interação lúdica em laboratório, do que as do sexo masculino. As mães apresentavam maior contacto visual e físico, iniciativa social e sensibilidade para com as raparigas, em comparação com os rapazes.

Associada à idade, Hallers-Haalboom e colaboradores (2014) estudaram se a ordem de nascimento das crianças influenciava o comportamento parental, em casais com dois filhos de 1 e 3 anos de idade. Ambas as figuras parentais são mais sensíveis e menos intrusivas com o filho primogénito, comparativamente com o filho mais novo. Tal pode ser explicado pelo facto de os filhos mais velhos terem maiores capacidades de comunicar verbalmente as suas necessidades e interesses (Berk, 2003, como citado em Hallers-Haalboom, 2014). No entanto, esta variável ainda não foi controlada em estudos sobre os comportamentos parentais de desafio.

2.4. Objetivos do estudo

O presente estudo visa analisar as perceções dos comportamentos parentais de desafio de mães e pais, em famílias nucleares portuguesas, com crianças em idade pré-escolar, analisando semelhanças e diferenças entre os cuidadores. Poucos estudos analisam este tipo de comportamentos de mães e pais, por e.g., Majdandzic e colaboradores (2015) utilizando medidas de autorrelato verificaram que existia uma diferença significativa entre os cuidadores, com os pais a reportarem mais comportamentos no *Global* e nas dimensões do *Rough and Tumble* e a *Competition*, no entanto, com medidas de observação não encontraram essas diferenças nestes comportamentos (Majdandzic et al., 2015; Deneault et al., 2022b).

A maioria dos estudos sobre esta temática utilizam amostras holandesas, existindo apenas um com uma amostra australiana (Majdandzic et al., 2018) e outro com uma amostra americana (Deneault et al., 2022b). Numa comunicação oral de Monteiro e colaboradores (2023), realizada com uma amostra portuguesa, encontraram-se diferenças significativas entre as figuras parentais em todas as dimensões, à exceção da *Encouragement of Risk Taking*. É, assim, importante analisar compreender melhor estes comportamentos parentais em amostras portuguesas.

Serão, ainda, analisadas as associações entre os comportamentos parentais de desafio de mães e de pais e as suas habilitações literárias, bem como as características das crianças (idade, sexo, e o ser primogénito).

CAPÍTULO 3

Método

3.1. Participantes

Trinta e cinco famílias nucleares – mãe e pai – (57.1 % casados e 42.9 % em união de facto) participaram neste estudo. Os pais tinham idades compreendidas entre os 27 e os 57 anos ($M = 38.60$, $DP = 5.81$), e as mães entre os 26 e os 43 anos ($M = 35$, $DP = 4.34$). As habilitações literárias dos pais variavam entre os 9 e os 17 anos de escolaridade ($M = 14.00$, $DP = 2.46$) (54.3% com o Ensino Superior). Para as mães, as habilitações literárias variavam entre os 12 e os 21 anos de escolaridade ($M = 15.43$, $DP = 2.72$) (68.6% tinham o Ensino Superior). As crianças tinham idades compreendidas entre os 34 e os 70 meses ($M = 49.68$, $DP = 10.04$), 15 do sexo feminino e 19 são filhos primogénitos. Nenhuma tinha atrasos desenvolvimentais sinalizados. As famílias, que integram este estudo, foram recrutadas de escolas privadas com fins lucrativos do distrito de Lisboa.

3.2. Instrumentos

3.2.1. Questionário Sociodemográfico

Visava recolher informação sociodemográfica da criança, figuras parentais e família (e.g., idade, sexo, nacionalidade, habilitações literárias, emprego, ou rendimento familiar).

3.2.2. Questionário de Comportamentos de Desafio

A Challenging Parental *Behaviors* (CPBQ 4-6 anos) (Majdandžić et al., 2015, 2018; Monteiro & Santos, nd), avalia em que medida os pais incentivam a criança, tanto socialmente como fisicamente, a adotar comportamentos de risco ou a sair da sua zona de conforto. Para tal, podem desafiar a criança a ultrapassar os seus limites (e.g., fazer algo que tem medo) ou os limites sociais (e.g., desafiar a usar roupa estranha). O comportamento desafiador pode ser feito fisicamente, como brincadeiras de luta livre ou cócegas, ou socio-emocionalmente, como fazer a crianças perder um jogo ou mudar inesperadamente uma brincadeira, ou modo, pode ser através da modelagem comportamental. Segundo Majdandžić e colaboradores (2018), esta

escala é composta por 39 itens, organizados em cinco subescalas: *Teasing* (6 itens) (e.g., “Eu pego pequenas partidas ao meu filho”) ($\alpha_{\text{mães}} = .76$; $\alpha_{\text{pais}} = .80$), *Rough-and-Tumble Play* (6 itens) (e.g., “Eu gosto de fazer lutas de almofadas com o meu filho”) ($\alpha_{\text{mães}} = .84$; $\alpha_{\text{pais}} = .79$), *Encouragement of Risk Taking* (6 itens) (e.g., “Se o meu filho achar que algo é assustador, encorajo-o a continuar”) ($\alpha_{\text{mães}} = .72$; $\alpha_{\text{pais}} = .76$), *Social Daring* (9 itens) (e.g., “Encorajo o meu filho a defender-se a si próprio”) ($\alpha_{\text{mães}} = .69$; $\alpha_{\text{pais}} = .69$), *Competition* (5 itens) (e.g., “Incentivo o meu filho a competir com outras crianças”) ($\alpha_{\text{mães}} = .77$; $\alpha_{\text{pais}} = .70$) e *Modeling* (7 itens) (e.g., “Mostro ao meu filho como é que eu me defendo”) ($\alpha_{\text{mães}} = .78$; $\alpha_{\text{pais}} = .74$). É, ainda, possível o cálculo de um valor global de CPB ($\alpha_{\text{mães}} = .92$; $\alpha_{\text{pais}} = .91$). É pedido aos pais para avaliar cada item numa escala de tipo Likert de 5 pontos, variando de 1 (não aplicável) a 5 (totalmente aplicável). Os alfas para as escalas do presente estudo são: *Teasing* ($\alpha_{\text{mães}} = .81$; $\alpha_{\text{pais}} = .86$), *Rough-and-Tumble Play* ($\alpha_{\text{mães}} = .60$; $\alpha_{\text{pais}} = .70$), *Encouragement of Risk Taking* ($\alpha_{\text{mães}} = .79$; $\alpha_{\text{pais}} = .76$), *Social Daring* ($\alpha_{\text{mães}} = .70$; $\alpha_{\text{pais}} = .70$), *Competition* ($\alpha_{\text{mães}} = .70$; $\alpha_{\text{pais}} = .81$) e *Modelling* ($\alpha_{\text{mães}} = .72$; $\alpha_{\text{pais}} = .82$); *Global CPB score* ($\alpha_{\text{mães}} = .91$; $\alpha_{\text{pais}} = .92$).

3.3. Procedimento

Este trabalho integra-se num Projeto de Investigação mais amplo, previamente aprovado pela Comissão de Ética do Iscte. Foram contactadas diversas escolas da rede privada com e sem fins lucrativos e da rede de ensino público, com vista à marcação de uma reunião inicial para explicar o projeto. Após a reunião na escola e a aprovação da mesma, foi entregue um consentimento informado à direção da escola e após a sua assinatura, foi enviado para os pais o consentimento informado e o questionário sociodemográfico. Estes foram entregues pelas educadoras, das salas do pré-escolar, aos pais com pedido para serem devolvidos fechados. De seguida, procedeu-se à recolha dos consentimentos, e para os pais que aceitaram participar, foi criado um código para cada criança. No caso de existir mais do que uma criança por família em idade pré-escolar, participou a criança mais velha, tendo-se pedido aos pais para responderem apenas a pensar na criança-alvo. Após a criação dos códigos foram enviados os questionários primeiro para as mães, em 50% da amostra total do estudo, e primeiro para os pais na restante. Apenas quando o questionário de mãe/pai era devolvido, era entregue o outro.

3.4. Estratégia Analítica

Para a realização da análise de dados do presente estudo foi utilizado o programa IBM SPSS for Windows (versão 29.0). Primeiramente, foi efetuada a análise descritiva relativamente aos comportamentos parentais de desafio, analisando-se de seguida as diferenças de médias (*t-student* para amostras emparelhadas) das respostas de mães e dos pais para cada dimensão dos comportamentos parentais de desafio, e da escala global. Testaram-se, ainda, as associações entre as variáveis sociodemográficas e as dimensões dos comportamentos parentais de desafio utilizando correlações de Pearson (para o sexo da criança e variável filho primogénito utilizou-se um coeficiente de correlação ponto-bisserial).

CAPÍTULO 4

Resultados

Na Tabela 1 são apresentados os valores mínimos e máximos das diferentes dimensões dos Comportamentos Parentais de Desafio e a escala Global, assim como as respectivas médias e desvios-padrão. São, ainda, reportadas as diferenças de médias entre mães e pais (casal) para a mesma medida. Obteve-se apenas uma diferença estatisticamente significativa entre o *Teasing* materno e o *Teasing* paterno ($t(34) = -2.61$; $p < .05$; $d = -.44$), com os pais a apresentarem valores mais elevados ($M = 3.25$; $DP = 1.03$), comparativamente com a Mãe ($M = 2.71$; $DP = 0.90$).

Tabela 1.

Valores mínimos, máximos, médias, desvios padrão e t-student para as dimensões dos Comportamentos Parentais de Desafio.

	Mães			Pais			<i>t</i> -teste	
	Mín	Máx	<i>M</i> (<i>DP</i>)	Mín	Máx	<i>M</i> (<i>DP</i>)	<i>t</i>	<i>p</i>
Teasing	1.00	4.40	2.71 (0.90)	1.60	5.00	3.25 (1.03)	-2.61*	.01
Rough_Tumble	2.40	4.80	3.44 (0.68)	2.00	5.00	3.73 (0.72)	-1.81	.08
Risk_Encouragement	2.33	5.00	4.01 (0.68)	2.00	5.00	3.98 (0.71)	.23	.82
Social_Daring	2.11	4.67	3.52 (0.57)	2.33	4.78	3.34 (0.55)	1.64	.11
Competition	1.00	4.20	2.61 (0.77)	1.20	4.60	2.91 (0.90)	-1.77	.09
Modeling	1.29	3.86	2.52 (0.70)	1.29	4.43	2.59 (0.78)	-.69	.50
CPBQ	1.96	4.24	3.14 (0.54)	2.11	4.67	3.30 (0.61)	-1.45	.16

* $p < .05$

Na Tabela 2 são apresentadas as associações entre as variáveis sociodemográficas e as dimensões dos Comportamentos Parentais de Desafio e do valor Global de mães e pais. Obteve-se uma associação positiva e significativa entre o sexo da criança e a dimensão *Rough and Tumble* materno, ou seja, as mães descrevem mais comportamentos de brincadeira física com as raparigas, e uma associação negativa com a dimensão *Competition* do pai, ou seja, os pais descrevem mais comportamentos de incentivo à competição com os rapazes. A Idade das crianças encontra-se negativa e significativamente correlacionada com o *Teasing* paterno, e

com a variável *Rough and Tumble* do pai. Assim, quanto mais velhas são as crianças, menos comportamentos de *Teasing* e *Rough and Tumble* são reportados pelos pais. Relativamente às Habilitações literárias de mãe e pai verificou-se que estas se encontram negativa e significativamente associadas com a dimensão do *Teasing* materno e paterno, respetivamente. Assim, quanto mais elevadas as habilitações literárias de ambos os cuidadores, menos comportamentos de *Teasing* são reportados.

As diferentes dimensões dos Comportamentos Parentais de Desafio materno encontram-se positiva e significativamente correlacionadas entre si. Contudo o mesmo não se verifica para todas as dimensões paternas, sendo que o *Social Daring* apenas está positiva e significativamente associado ao *Risk Encouragement* e ao *Modeling*. Adicionalmente a Escala Global da mãe está positiva e significativamente associada a todas as dimensões da mesma, o mesmo se verificando para o pai, com exceção ao *Social Daring* paterno.

Tabela 2.*Associações entre as variáveis sociodemográficas e os Comportamentos Parentais de desafio*

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16	17	18
1. Sexo criança (1=rapariga)	-																	
2. Idade da criança	-.05	-																
3. Filho Primogénito (1=sim)	-.01	-.10	-															
4. Habilitações literárias_M	.08	.05	.09	-														
5. Habilitações literárias_P	-.05	.18	.02	.40*	-													
6. Teasing_M	.13	-.19	-.01	-.39*	-.24	-												
7. Rough_Tumble_M	.40*	-.06	.12	-.19	-.19	.52**	-											
8. Risk_Encouragement_M	.08	.03	-.11	-.09	-.27	.37*	.30	-										
9. Social_Daring_M	.08	.26	-.04	-.04	-.16	.31	.38*	.85***	-									
10. Competition_M	-.21	.09	-.13	-.18	-.29	.54***	.19	.55***	.59***	-								
11. Modeling_M	-.01	.06	-.01	-.18	-.07	.51**	.37*	.73***	.64***	.61***	-							
12. CPBQ_M	.10	.02	-.04	-.26	-.27	.75***	.60***	.81***	.79***	.77***	.83***	-						
13. Teasing_P	-.19	-.39*	-.07	-.27	-.36*	.20	.02	.16	.08	.38*	-.25	0.25	-					
14. Rough_Tumble_P	-.14	-.34*	-.08	-.12	-.16	-.03	.09	.12	.01	.23	.16	.13	.82***	-				
15. Risk_Encouragement_P	-.13	-.07	-.32	-.06	-.16	-.00	.08	.34	.20	.40*	.35*	.31	.65***	.64***	-			
16. Social_Daring_P	-.12	.14	-.10	.21	.00	-.06	.16	.41*	.28	.13	.35*	.26	-.12	.08	.35*	-		
17. Competition_P	-.43*	-.20	-.05	-.16	-.23	.19	-.00	.06	-.00	.31	.12	.16	-.67***	.60***	.62***	.16	-	
18. Modeling_P	-.29	-.19	-.04	-.15	-.10	.27	.21	.34	.25	.39*	.58***	.45**	.58***	.57***	.69***	.38*	.67***	-
19. CPBQ_P	-.29	-.26	-.14	-.15	-.24	.15	.11	.28	.18	.41*	.37*	.33	.84***	.83***	.85***	.32	.84***	.84***

* $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

CAPÍTULO 5

Discussão

As diferenças e semelhanças entre mães e pais relativas à parentalidade têm sido objeto de interesse de diversos autores, existindo cada vez mais um foco no papel no pai e do seu impacto no desenvolvimento da criança. A literatura apresenta diversas perspectivas sobre esta temática, sendo que existem autores que realçam as diferenças entre as figuras parentais (e.g., Paquette, 2004) e outros que encontram mais semelhanças (e.g., Cabrera et al., 2014).

Integrados nos comportamentos parentais estão os comportamentos parentais de desafio, que se podem apresentar através de brincadeiras físicas, assim como interações mais provocatórias ou encorajamento à tomada de risco, por exemplo.

O presente estudo, procurou analisar as diferenças e semelhanças nas perceções dos comportamentos parentais de desafio de mães e pais, em famílias nucleares portuguesas, com crianças em idade pré-escolar. Numa amostra de 35 casais - pais e mães - apenas se encontraram diferenças entre o *Teasing* materno e o *Teasing* paterno, sendo que os pais apresentam valores mais elevados nesta dimensão. Tal é consistente com estudos que apontam os pais como mais propensos a interagir com as crianças de forma provocatória e lúdica (e.g., Bögels & Phares, 2008; Paquette, 2004; Grossmann & Grossmann, 2019). Contudo, a comunicação oral de Monteiro et al. (2023) apresentou resultados diferentes, existindo uma diferença entre mães e pais em todas as dimensões dos comportamentos de desafio à exceção da *Encouragement of Risk Taking*.

A ausência de diferenças significativas entre as mães e pais, na maioria das dimensões dos comportamentos parentais de desafio, pode ser explicada pela convergência dos papéis parentais, que sugerem que as mães e pais têm papéis cada vez mais semelhantes na educação dos seus filhos. Diversos estudos (e.g., Hofferth et al., 2012; Cabrera et al., 2014; Steenhoff et al., 2019) apontam para o facto de que os pais, tal como as mães, serem capazes de demonstrar afeto, sensibilidade e de se envolverem emocionalmente, desafiando as crianças a explorar o meio e contribuindo para o seu desenvolvimento. Assim, coloca-se a hipótese de nesta amostra a convergência dos papéis parentais estar presente, sendo que tanto os pais como as mães estão igualmente envolvidos em comportamentos que estimulam a autonomia e desenvolvimento das crianças. Esta ausência de diferenças também sugere que as políticas adotadas (e.g., licença parental inicial) podem resultar numa parentalidade mais equilibrada entre mães e pais.

Relativamente às associações entre as dimensões dos comportamentos parentais de desafio

e as variáveis sociodemográficas, foram encontrados alguns resultados significativos. Assim, no que toca às habilitações literárias parentais, verificou-se que quanto maior o número de anos de escolaridade de ambos os cuidadores, menos comportamentos provocatórios com as crianças são reportados pelos pais, ou seja, reportam valores menores de *Teasing*. Contudo, tendo em conta que esta associação foi moderada e que não existiram mais associações significativas entre esta variável e as restantes dimensões, é possível corroborar a perspetiva de Deneault e colaboradores (2022b) que afirmam que estes comportamentos de desafio são expectáveis em todos os pais, independentemente do seu nível de escolaridade.

No que diz respeito ao sexo da criança, as mães descrevem mais comportamentos de brincadeira física com as raparigas, o que vai de encontro com a literatura, visto que Lindahl e Heimann (2002) verificaram que as mães apresentavam maior contacto visual e físico com as raparigas, do que com os rapazes. Por outro lado, os pais reportaram mais comportamentos de incentivo à competição nos rapazes, o que pode ser explicado pelo facto de as figuras paternas terem uma tendência para abordar mais assuntos de socialização com as raparigas, através de brincadeiras com bonecas, e temas relacionados com a aprendizagem com os rapazes, com recurso a interações mais físicas (Morawska, 2020). A ausência de associações com as restantes dimensões vai de acordo com Majdandzic e colaboradores (2015), que não encontraram diferenças significativas nos comportamentos de desafio das figuras parentais em função do sexo da criança.

Verificou-se, ainda, que quanto mais velhas são as crianças, menos comportamentos provocatórios e com recurso a brincadeiras físicas são reportados pelo pai, reforçando a ideia de que estes comportamentos vão diminuindo ao longo do tempo (Majdandzic et al., 2015). No entanto, existem estudos (e.g., Leavell et al., 2012; Pellegrini & Smith, 1998) que reportam que as brincadeiras físicas atingem o seu pico na idade escolar, mais especificamente dos 4 aos 5 anos, o que não vai de encontro aos resultados obtidos. Por fim, a variável correspondente ao ser filho primogénito, ainda, não tinha sido analisada em investigações sobre os comportamentos parentais de desafio, não apresentando, nesta amostra, qualquer associação com as diferentes dimensões comportamentais.

5.1. Limitações e estudos futuros

Uma limitação deste estudo foi o tamanho e composição da amostra, que contou com apenas 35 famílias nucleares. Para além disso, os participantes foram todos recrutados de escolas privadas em Lisboa, o que não é representativo da diversidade socioeconómica e cultural

portuguesa. Neste sentido, seria interessante expandir a amostra para participantes de diferentes contextos culturais e socioeconómicos (e.g., analisar diferenças entre áreas rurais versus urbanas), incluindo outras tipologias de famílias.

Outra possível limitação é o facto de a recolha de dados apenas ter sido realizada através de um questionário de autorrelato (CPBQ 4-6). Apesar deste questionário estar validado (Majdandzic et al., 2015, 2018), e traduzido para amostras portuguesas, encontra-se em processo de validação neste contexto. As medidas de autorrelato podem originar respostas enviesadas, uma vez que os participantes podem relatar o que acreditam ser socialmente desejável ou não recordar com precisão as suas interações com as crianças, reduzindo a precisão dos resultados. A inclusão de medidas de observação dos comportamentos parentais em estudos futuros, seria uma mais-valia para complementar os autorrelatos, tal como feito por Majdandzic e colaboradores (2015) e Deneault e colaboradores (2022b). A observação permite captar a dinâmica real entre pais e filhos, oferecendo uma visão mais precisa e detalhada dos comportamentos de desafio e da sensibilidade parental em diferentes interações do quotidiano. Tal seria especialmente relevante no estudo da sensibilidade parental, visto que esta característica pode manifestar-se de forma subtil, como através da leitura dos sinais da criança e a capacidade de responder adequadamente aos mesmos (Deneault et al., 2022a). Neste sentido, seria pertinente investigar se são apenas os comportamentos parentais que promovem o desafio ou se a sensibilidade também tem algum impacto nesta questão.

Tendo em conta que este estudo foi transversal, a ausência de uma abordagem longitudinal limitou a capacidade de perceber se estes comportamentos se alteram ao longo do tempo, com o crescimento da criança ou em resposta a mudanças familiares e sociais. Deste modo, seria interessante compreender a forma como a sensibilidade e os comportamentos parentais de desafio se ajustam ao longo da vida da criança, principalmente quando enfrentam transições familiares (e.g., nascimento de irmãos).

Adicionalmente, seria relevante analisar a influência das políticas públicas (e.g., licença parental), que incentivam à equidade de género no cuidado das crianças, nos comportamentos parentais, assim como os fatores económicos (e.g., estabilidade financeira dos pais), considerando que o stress económico pode prejudicar a capacidade de os pais interagirem de forma sensível e responsiva com as crianças (Cabrera et al., 2014).

Por outro lado, seria relevante estudar o impacto da exposição da criança a fatores de risco na parentalidade e nos comportamentos parentais de desafio no contexto português. Um estudo de Cabrera e colaboradores (2011a) desenvolveu um modelo que testou as associações simultâneas entre os pais, as mães e os fatores de risco das crianças, assim como os seus

outcomes. Este modelo demonstrou, então, que quando a criança tem 9 meses de idade, os níveis de risco dos seus familiares estão diretamente associados aos *outcomes* da mesma quando atinge os 24 meses. Segundo as autoras, existem diversos estudos que comprovam esta ligação direta entre os fatores de risco das figuras parentais e os *outcomes* nas crianças, nomeadamente, através da parentalidade. Um estudo de Burchinal e colaboradores (2008a) revelou que crianças expostas a múltiplos fatores de risco têm mais dificuldades na sua performance académica (e.g., na leitura) e problemas comportamentais associados a baixas competências sociais. Para além disso, Burchinal e colaboradores (2008b) verificaram que a gravidade da exposição ao risco está negativamente associada com a parentalidade e o desenvolvimento infantil em crianças com 15 meses de idade. Assim, pais com níveis de risco elevados têm um efeito negativo nos *outcomes* dos seus filhos, devido à falta de capacidade de exercer uma parentalidade positiva e eficaz (Cabrera et al., 2011a). Desta forma, torna-se de extrema relevância analisar os efeitos da parentalidade, tendo em conta todos os seus determinantes. Para além disso seria, também, interessante analisar, em Portugal, a influência que os comportamentos parentais de desafio podem ter no ajustamento das crianças, mais especificamente, ao nível da ansiedade. Majdandžić et al. (2018) analisaram precisamente o impacto destes comportamentos na ansiedade infantil, referindo que reduzem a probabilidade de desenvolvimento de ansiedade nas crianças.

Este estudo permitiu contribuir para a análise desta temática, em amostras portuguesas, sendo que os comportamentos de desafio são maioritariamente estudados com outras culturas (e.g., amostras holandesas, australianas e americanas). Adicionalmente, explorou associações dos comportamentos de desafio com variáveis como a idade e sexo da criança, o ser ou não primogénito e as habilitações literárias parentais, contribuindo para pesquisas futuras sobre como o sexo da criança e o nível de escolaridade dos pais influenciam a parentalidade, mais especificamente, os comportamentos de desafio.

Referências Bibliográficas

- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child development*, 83-96.
- Bögels, S. M., & Phares, V. (2008). Fathers' role in the etiology, prevention and treatment of child anxiety: A review and new model. *Clinical Psychology Review*, 28, 539–558. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2007.07.011>
- Burchinal, M. R., Roberts, J. E., Zeisel, S. A., & Rowley, S. J. (2008a). Social risk and protective factors for African American children's academic achievement and adjustment during the transition to middle school. *Developmental Psychology*, 44(1), 286. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.44.1.286>
- Burchinal, M., Vernon-Feagans, L., Cox, M., & Key Family Life Project Investigators. (2008b). Cumulative social risk, parenting, and infant development in rural low-income communities. *Parenting: Science and Practice*, 8(1), 41-69. <https://doi.org/10.1080/15295190701830672>
- Cabrera, N., Fagan, J., Wight, V., & Schadler, C. (2011a). Influence of mother, father, and child risk on parenting and children's cognitive and social behaviors. *Child Development*, 82(6), 1985-2005. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2011.01667.x>
- Cabrera, N., Fitzgerald, H. E., Bradley, R. H., & Roggman, L. (2014). The ecology of father-child relationships: An expanded model. *Journal of Family Theory & Review*, 6, 336–354. <https://doi.org/10.1111/jftr.12054>
- Cabrera, N., Hofferth, S. L., & Chae, S. (2011b). Patterns and predictors of father infant engagement across race/ethnic groups. *Early Childhood Research Quarterly*, 26 (3), 365–375. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2011.01.001>
- Cooke, J. E., Deneault, A. A., Devereux, C., Eirich, R., Fearon, R. P., & Madigan, S. (2022). Parental sensitivity and child behavioral problems: A meta-analytic review. *Child Development*, 93(5), 1231-1248. <https://doi.org/10.1111/cdev.13764>
- Deneault, A. A., Cabrera, N., & Bureau, J. F. (2022a). A meta-analysis on observed paternal and maternal sensitivity. *Child development*, 93(6), 1631-1648. <https://doi.org/10.1111/cdev.13832>
- Deneault, A. A., Cabrera, N., Ghosh, R. A., Tölle, A. S., Seethaler, J., Majdandžić, M., & Reich, S. M. (2022b). Challenging parenting behavior in ethnically diverse two-parent families in the United States: Association with infants' social competence and behavior problems. *Early Childhood Research Quarterly*, 58, 115-124. <https://doi.org/10.1016/j.ecresq.2021.08.006>
- Endendijk, J. J., Groeneveld, M. G., van der Pol, L. D., van Berkel, S. R., Hallers-Haalboom, E. T., Bakermans-Kranenburg, M. J., & Mesman, J. (2017). Gender differences in child aggression: Relations with gender-differentiated parenting and parents' gender-role stereotypes. *Child Development*, 88(1), 299-316. <https://doi.org/10.1111/cdev.12589>
- Grossmann, K., & Grossmann, K. E. (2019). Essentials when studying child-father attachment: A fundamental view on safe haven and secure base phenomena. *Attachment & Human Development*, 22(1), 9-14. <https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1589056>
- Grossmann, K. E., Grossmann, K., Kindler, H., & Zimmermann, P. (2008). A wider view of attachment and exploration: The influence of mothers and fathers on the development of psychological security from infancy to young adulthood. *Handbook of attachment*, 2.
- Hallers-Haalboom, E. T., Mesman, J., Groeneveld, M. G., Endendijk, J. J., van Berkel, S. R., van der Pol, L. D., & Bakermans-Kranenburg, M. J. (2014). Mothers, fathers, sons and daughters: parental sensitivity in families with two children. *Journal of Family Psychology*, 28(2), 138. <https://hdl.handle.net/1887/35813>
- Hofferth, S. L., Pleck, J., Stueve, J. L., Bianchi, S., & Sayer, L. (2012). The demography of

- fathers: What fathers do. In *Handbook of father involvement* (pp. 79-106). Routledge.
- Leavell, A. S., Tamis-LeMonda, C. S., Ruble, D. N., Zosuls, K. M., & Cabrera, N. J. (2012). African American, White and Latino fathers' activities with their sons and daughters in early childhood. *Sex Roles*, 66, 53–65. <https://doi.org/10.1007/s11199-011-0080-8>
- Lindahl, L. B., & Heimann, M. (2002). Social proximity in Swedish mother-daughter and mother-son interactions in infancy. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 20(1), 37–42. <https://doi.org/10.1080/02646830220106794>
- Majdandžić, M., de Vente, W., & Bögels, S. M. (2015). Challenging parenting behavior from infancy to toddlerhood: Etiology, measurement, and differences between fathers and mothers. *Infancy*, 21(4), 423-452. <https://doi.org/10.1111/infa.12125>
- Majdandžić, M., Lazarus, R. S., Oort, F. J., van der Sluis, C., Dodd, H. F., Morris, T. M., de Vente, W., Byrow, Y., Hudson, J. L., & Bögels, S. M. (2018). The structure of challenging parenting behavior and associations with anxiety in Dutch and Australian children. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 47(2), 282-295. <https://doi.org/10.1080/15374416.2017.1381915>
- Majdandžić, M., Möller, E. L., de Vente, W., Bögels, S. M., & van den Boom, D. C. (2014). Fathers' challenging parenting behavior prevents social anxiety development in their 4-year-old children: A longitudinal observational study. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 42, 301-310. <https://doi.org/10.1007/s10802-013-9774-4>
- Marinho, S., Atalaia, S. & Cunha, V. (2024). Mulheres, homens e vida familiar: a construção da igualdade no Portugal democrático. In: Delicado, A. & Ferrão, J. (coord.) *Portugal Social em Mudança - 50 anos do 25 de Abril*, pp. 9-22. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
- Monteiro, L., Santos, C., & Costa, M. (2023, junho 17). *Fathers and mother's challenging behaviors, nurturance/restrictiveness, and father involvement* [Apresentação oral]. European Conference on Developmental Psychology (ECDP), Finlândia.
- Morawska, A. (2020). The effects of gendered parenting on child development outcomes: A Systematic Review. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 23, 553 - 576. <https://doi.org/10.1007/s10567-020-00321-5>
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: Mechanisms and developmental outcomes. *Human development*, 47(4), 193-219. <https://doi.org/10.1159/000078723>
- Paquette, D., Bolté, C., Turcotte, G., Dubeau, D., & Bouchard, C. (2000). A new typology of fathering: Defining and associated variables. *Infant and Child Development*, 9, 213–230. [https://doi.org/10.1002/1522-7219\(200012\)9:4<213::AID-ICD233>3.0.CO;2-0](https://doi.org/10.1002/1522-7219(200012)9:4<213::AID-ICD233>3.0.CO;2-0)
- Pellegrini, A. D. (2002). Rough-and-tumble play from childhood through adolescence: Development and possible functions. *Blackwell handbook of childhood social development*, 437-453.
- Pellegrini, A. D., & Smith, P. K. (1998). Physical activity play: The nature and function of a neglected aspect of play. *Child development*, 69(3), 577-598.
- Steenhoff, T., Tharner, A., & Væver, M. S. (2019). Mothers' and fathers' observed interaction with preschoolers: Similarities and differences in parenting behavior in a well-resourced sample. *PloS one*, 14(8), <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0221661>